

Documentação Audiovisual do Pontal da Barra:
Preservação da Memória Cultural Coletiva de um Povo

Bernardo Manoel Monteiro Constant
Renata Louriane Moreira da Silva Menezes

Resumo: O presente artigo surgiu a partir do desenvolvimento do documentário intitulado “Entrelinhas: Tecendo as Memórias do Pontal”. A finalidade do filme é a documentação audiovisual das memórias individual e coletiva dos moradores do bairro do Pontal da Barra, localizado em Maceió, com foco em suas manifestações artístico-culturais e dinâmicas de vida. Utilizando da técnica de etnografia visual, pelo meio audiovisual, os diretores extraíram depoimentos dos entrevistados sobre os temas pertinentes - Assim, utilizou-se o cinema como meio para a preservação da memória cultural de uma população. O trabalho em questão tem também como objetivo relatar a experiência e as impressões obtidas pelos diretores a partir do contato com os entrevistados durante a execução das filmagens.

Palavras-chave: cinema, antropologia visual, etnografia, pontal da barra, memória cultural coletiva.

Documenting Pontal da Barra:
Preserving a People’s Cultural Collective Memory

Abstract: The following paper was developed after the production of the documentary entitled “Entrelinhas: Tecendo as Memórias do Pontal”. The movie aims to document the individual and collective memories of the inhabitants of Pontal da Barra, a region located in the city of Maceió, Alagoas, Brazil. It tries to shed light upon the artistic and cultural manifestations that are part of the way of life of the people which were studied. By using the visual ethnographical technique of producing video diaries, the directors obtained testimonials about the themes relevant to the project from those who were interviewed. Thus, cinema was used as a means to preserve the cultural memory of a population. The present work has also as its objective to relate the experiences and impressions acquired by the directors through the conduction of the filming process.

Key-words: cinema, visual anthropology, ethnography, pontal da barra, cultural collective memory.

Introdução:

Localizado no extremo sul de Maceió, o bairro do Pontal da Barra se desenvolveu em uma faixa de terra situada entre o complexo lagunar Mundaú-Manguaba e o Oceano Atlântico, estendendo-se até o encontro entre as águas doces e salgadas. Tal configuração hidrográfica favoreceu o surgimento de ecossistemas ricos em peixes, crustáceos e outros tipos de vida aquática. Por sua vez, essa abundância de alimento e recursos naturais estimulou - a partir do século XVII - o estabelecimento de uma população no local, composta majoritariamente de pescadores-coletores e suas famílias. De acordo com Adriana Manhas, et al.,

Vieira (1996) afirma que o núcleo original [...] remonta a uma comunidade de pescadores representantes de uma só família [...]. Santana apud Vieira (1996) data as primeiras referências do bairro ainda em 1792, com a notificação de trinta edificações na localidade (MANHAS, et. al., 2009, p. 3).

Nesse contexto, instituiu-se a divisão do trabalho usual para a época, em que o homem toma o papel de provedor da família e a mulher, dentro de seu papel de dona-de-casa e mãe, desenvolve os trabalhos domésticos - entre eles, o bordado. Inicialmente, tais bordados não tinham características que os diferenciavam dos tradicionais. Entretanto, a partir da observação do processo de construção das redes de pesca e tarrafas, as mulheres do Pontal da Barra adaptaram sua técnica e criaram o tipo de bordado que veio a ser conhecido como Filé (PACHECO, 2011, p. 1) - caracterizado principalmente por pontos que derivam de e se assemelham aos usados na produção das redes dos pescadores, e pela combinação em uma mesma peça de pontos diferentes (figura 1).

Apesar de condições que permitiam a subsistência de sua população, o fato de o povoado do Pontal da Barra se localizar em uma área relativamente isolada de centros urbanos fez com que suas condições sociais sofressem poucas alterações até a chegada do século XX¹. Enquanto a cidade de Maceió – cujo centro dista apenas 4 km do atual bairro do Pontal – se desenvolvia, o Bairro do Pontal ainda se encontrava pouco habitado e sem energia elétrica.

¹ SANTOS, Neide, SANTOS, Angelita Lisboa. **Entrelinhas:** Tecendo as Memórias do Pontal. Entrevista concedida a Renata Menezes e Bernardo Constant.

Segundo Neide Santos, moradora do Pontal há 78 anos, em sua infância e adolescência, o acesso ao bairro era difícil até mesmo para carroças, o que foi um empecilho para a integração de seus moradores à capital, e vice-versa². De fato, algumas habitantes mais velhas do local rememoram um tempo em que, embora já houvesse a comercialização do Filé, bem como dos pescados obtidos por seus maridos, era necessário deslocar-se até o porto de Maceió para vender os produtos aos turistas, pois esses últimos não costumavam fazer o caminho inverso.

A partir da década de 1950, entretanto, inicia-se um processo de desenvolvimento que atinge o bairro do Pontal. Vinte anos depois, os turistas passam a frequentar o local e fomentar a produção e venda de artesanato, que passa a figurar como atividade econômica tão importante quanto a pesca para seus habitantes.

No ano de 1976 - à época, o Pontal da Barra já se encontrava integrado à cidade de Maceió como um de seus bairros - com a instalação de um parque industrial administrado pela empresa Salgema Indústrias Químicas, houve impacto ambiental considerável no local. Dizem Adriana Manhas, et al., que

Na época da implantação, a Salgema causou um grande impacto para o seu entorno, principalmente por ter sido implantada em área de preservação e de muita instabilidade, uma restinga que possui uma vegetação própria, formada por dunas e terraços, agravado pela construção da ponte [Divaldo Suruagy] e do terminal para escoamento dos produtos (MANHAS, et. al., 2009, p. 6).

Somente quando Fernando Collor de Mello ocupou o governo do estado houve investimento público no sentido de recuperar o local da degradação causada pela instalação da Salgema. Nesse período, o Pontal da Barra foi alvo de estudo Instituto do Patrimônio Histórico-Artístico Nacional e, após o término desse, foi tombado como patrimônio histórico nacional em 1988³. A partir daí, iniciou-se o processo de expansão do bairro, com a construção de casas em direção à praia e a ocupação da orla lagunar – atualmente, essas últimas são utilizadas tanto como residências quanto como lojas por seus donos, que costumam comercializar artesanato feito no local, com destaque para o Filé (figuras 2 e 3).

² SANTOS, Neide. **Entrelinhas:** Tecendo as Memórias do Pontal. Entrevista concedida a Renata Menezes e Bernardo Constant.

³ BRASIL. **Decreto DEC. 33.225, de 14 de novembro de 88.** Homologa a resolução do Conselho Estadual de Cultura que aprova o tombamento do Pontal da Barra. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco-es/patrimonio-historico/bens-tombados/decretos/DEC.%20No%2033.225%20PONTAL%20DA%20BARRA.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2013.

O Cinema como Instrumento da Etnografia

Com o objetivo de documentar o modo de vida dos habitantes do Pontal a partir de suas atividades econômicas primordiais (pesca e bordados), foi iniciada a construção do curta-metragem “Entrelinhas: Tecendo as Memórias do Pontal”, seguindo a metodologia proposta pela antropologia visual, em que as expressões culturais de um dado povo são registradas em fotografias ou vídeos para enriquecer o campo da pesquisa, que antes estava limitado ao relato escrito feito no caderno de notas do antropólogo.

Segundo as classificações de Claudine de France⁴, o documentário que originou o presente artigo seria um exemplar de “filme de exploração”, conquanto os autores buscaram utilizar o cinema como meio para registrar sua pesquisa e como suporte para as observações realizadas.

Sobre a relevância da antropologia visual se posiciona Recuero quando diz que o uso da fotografia – e, por consequência, da filmagem - facilita a compreensão dos fenômenos socioculturais analisados, especialmente considerando que de outro modo esses seriam somente descritos por meio da palavra (RECUERO, 2006, p. 1-3). No mesmo sentido, diz Etienne Samain que

O que Margaret Mead [...] intuía na época, é que chegava o momento onde não bastaria “falar e discursar” em torno do homem, apenas “descrevendo-o”. Haver-se-ia de “mostrá-lo”, “expô-lo”, “torna-lo visível” para melhor conhecê-lo, sendo a objetividade de tal empreendimento não mais ameaçada pelo “visor” da câmara [sic] do que pelo “caderno de campo” do antropólogo (SAMAIN, 1995, p. 25).

No caso do Pontal da Barra, esse registro audiovisual é primordial, principalmente para apresentação do bordado Filé e suas características (cores, pontos) e do bairro como um todo, já que entender a organização espacial (construções, localização) é fundamental para compreender a dinâmica de sua população.

Por sua vez, essa dinâmica só pôde ser registrada a partir de da presença continuada dos autores no local, que propiciou uma maior abertura dos habitantes do Pontal para que esses

⁴ De acordo com José da Silva Ribeiro, de France divide os filmes etnográficos entre “de exposição” e “de exploração”, definidos a partir da metodologia adotada para sua realização. Os filmes de exposição têm elementos de sua produção definidos anteriormente à própria execução, enquanto os de exploração utilizam o cinema como meio para realizar a pesquisa e documentação.

dessem depoimentos sobre suas vidas e atividades. Esse é o processo denominado por de France como “inserção profunda”. Nas palavras da autora,

Quando um processo exploratório é iniciado, a inserção não cessa com os primeiros registros; ela se prolonga muito além do instante, certamente decisivo, em que o cineasta vê-se plenamente autorizado a filmar aqueles que observa. Este prolongamento da inserção apoia-se no diálogo gestual durante o qual as pessoas filmadas encenam suas próprias atividades diante da câmera, e no diálogo verbal que se instaura entre cineasta e protagonistas no momento do exame em grupo da imagem, entre dois períodos de registro (FRANCE *apud* FREIRE, 2007, p. 18).

No início, não havia um critério estabelecido para escolha dos personagens, e os pesquisadores abordavam as pessoas que estavam sentadas à porta de suas casas – costume ainda presente no bairro. Nas idas subsequentes ao local, houve uma maior familiarização dos habitantes do Pontal com a presença dos pesquisadores, estabeleceram-se relações de confiança que possibilitaram não somente a coleta de depoimentos mais longos e detalhados, mas também indicações de outros indivíduos para entrevistar, gerando uma rede de contatos relevante para o documentário.

Entretanto, apesar de ter sido possível aos autores realizar tal inserção profunda entre os moradores do Pontal, houve dificuldades pontuais na realização do documentário, típicas do processo antropológico e enfatizadas pelo emprego do audiovisual. Entre o acanhamento de certos entrevistados diante da câmera e as dificuldades de captação de áudio em outros momentos, alguns depoimentos resultaram infrutíferos, no sentido de documentar plenamente os objetos de análise ou de viabilizar a exibição dos registros ao público.

A Memória Cultural Coletiva dos Habitantes do Pontal da Barra

O documentário compõe-se basicamente de falas alternadas dos entrevistados sobre temas diversos – a história do Pontal da Barra e de suas vidas no local, seu cotidiano, o desenvolvimento do bairro, suas atividades e manifestações culturais, entre outros. Os depoimentos foram obtidos com o mínimo de interferência dos pesquisadores, que optaram por essa forma de trabalho para evitar as limitações à expressão dos entrevistados que podem ser impostas pelo método do questionário. Vale ressaltar que os pesquisadores escolheram entrevistar os moradores mais antigos para melhor compreender os processos de

transformação que o bairro sofreu ao longo do tempo e para ter acesso às memórias individuais que compõem o coletivo. Entremeados aos depoimentos, é feita narração que expõe os temas a serem tratados e ressalta pontos de interesse para a análise.

Primeiramente, aborda-se a relação afetiva com o Pontal nutrida por seus moradores. Os mais velhos em especial expressam firme vontade de permanecer no local onde viveram durante toda a vida. Inicia-se então o estabelecimento de uma identidade entre os habitantes e o bairro, devido não somente aos recursos para a sobrevivência que lá existem, mas também a uma genuína afinidade que sentem os entrevistados por seu local de moradia. Essa afinidade explica-se em parte pelas histórias de vida de cada um, o segundo tema explorado no filme. A maioria dos entrevistados relaciona fatos de sua vida diretamente às vivências do bairro, o que ressalta mais uma vez a relevância do local para esses indivíduos.

O terceiro tópico tratado no documentário é relativo ao Filé, seus modos de fazer, a relevância dele para as bordadeiras e suas famílias e a transmissão dessa arte entre as gerações. É possível constatar a partir dos depoimentos que o Filé vem se modernizando, seja na técnica, seja na comercialização. Além de serem criados novos pontos e desenhos ao longo do tempo, recentemente vem se quebrando o tabu de que o homem não faz o bordado. Vários depoimentos apontam para o interesse que eles têm tido em aprender e perpetuar a arte. Além disso, os entrevistados são unânimes em apontar o fazer do Filé como uma forma de terapia ocupacional, à qual eles se voltam em seus momentos de relaxamento ou recolhimento em suas casas. Mesmo que os habitantes mais novos venham diversificando suas atividades profissionais, as horas vagas ainda são ocupadas com o bordado.

Assim como o Filé, a pesca também é uma tradição do Pontal, passada de pai para filho. Mas não somente as técnicas e locais para a pesca são ensinados – também o fazer das redes e tarrafas é transmitido.

Conclusão:

A produção do documentário permitiu visualizar não somente que as tradições estão vivas no Pontal, mas também que os moradores têm consciência da relevância dessas tradições e da necessidade de mantê-las. Isso se reflete nos reforços recentes para registrar o

selo de origem do Filé e nos cursos realizados no local com o intuito de capacitar as vendedoras de artesanato.

Apesar disso, foi possível também observar a existência de certas discrepâncias entre o que foi chamado de “novo” e “velho” Pontal. Enquanto o novo Pontal começou a surgir apenas com os investimentos realizados após o tombamento do bairro e hoje em dia consiste principalmente numa área comercial, cujos residentes em sua maioria se ocupam mais com a revenda de artesanato, ao invés de produzir o que comercializam, o velho Pontal não tem lojas e concentra principalmente os moradores mais antigos – o que pode ser observado pelas construções do local.

Os moradores do velho Pontal, responsáveis por apontar essas discrepâncias, expressam descontentamento em relação ao deslocamento do eixo comercial do bairro, o que passou a negligenciá-los e desvalorizar seus produtos, que muitas vezes são revendidos em lojas vizinhas às suas casas por valores muito mais altos do que eles obtêm com a venda.

Apesar de tudo, observa-se uma tendência de melhora nas condições sociais do bairro, pois mesmo os habitantes do velho Pontal relatam uma evolução em relação às últimas décadas, e creem que esse processo não acabou.

Anexos:



Figura 1 - Detalhes das características do Filé.



Figura 2 – Frame de gravação realizada no Pontal mostrando fachadas de residências/lojas de artesanato.



Figura 3 – Interior de residência/loja de artesanato do Pontal, com produtos em exposição.

Referências:

BRASIL. Decreto DEC. 33.225, de 14 de novembro de 88. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/patrimonio-historico/bens-tombados/decretos/DEC.%20No%2033.225%20PONTAL%20DA%20BARRA.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2013.

FREIRE, Marcius. Relação, Encontro e Reciprocidade: Algumas Reflexões Sobre a Ética no Cinema Documentário Contemporâneo. **Revista Galáxia**. N. 14, p. 13-28. Dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1484/0>>. Acesso em: 03 set. 2013.

MANHAS, Adriana Capretz Borges da Silva, et. al. **A Preservação da Paisagem Natural e Construída no Pontal da Barra em Maceió (AL)**. Disponível em: <<http://www.fau.ufal.br/posgraduacao/deha/Trabalhos%20Apresentados%20em%20Eventos/SEMPRE2009%20MANHASS%20SANTOS%20FERRARE.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2013.

PACHECO, Bárbara. **Filé já Ocupa Mais da Metade dos Artesãos de Alagoas e Terá Selo de Origem.** Disponível em: <<http://www.seplande.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/2011/outubro/file-ja-ocupa-mais-da-metade-dos-artesaos-de-alagoas-e-tera-selo-de-origem>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

RECUERO, Carlos L. C.. **O Uso da Imagem Fotográfica em Trabalhos Etnográficos.** Uruguai: Signo Latinoamérica, 2006. Vol. 01.

RIBEIRO, José da Silva. Jean Rouch – Filme Etnográfico e Antropologia Visual. **Revista Doc On-Line.** N. 03. p. 06-54. Dez. 2007. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_jose_ribeiro.pdf>. Acesso em: 08 set. 2013.

SAMAIN, Etienne Ghislain. “Ver” e “Dizer” na Tradição Etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, ano 1, n. 2. p. 23-60, jul./set. 1995.

Sobre os Autores:

Bernardo Manoel Monteiro Constant

Graduando em Direito pela Faculdade de Direito de Alagoas – Ufal. Membro dos grupos de pesquisa “Pragmatismo Jurídico e Teorias da Justiça” e “Laboratório de Direitos Humanos”. Integrante do projeto de extensão Agir em Comunidade, vinculado ao MEC.

Renata Louriane Moreira da Silva Menezes

Graduanda em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Membro do Grupo de Pesquisa em Estéticas da Comunicação, em que desenvolve projeto de Iniciação Científica, e do projeto de extensão Cineclube Nu Olho.